

O anjo, a tempestade e a escola; elementos para a compreensão da relação entre a noção de progresso, o marxismo e a pedagogia progressista

Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior *

"Fazer durar o que passa, adiantar ou atrasar a hora presente, apoderar-se dos segredos da morte para lutar contra ela, servir-se de fórmulas naturais para ajudar ou frustrar a natureza, dominar o mundo e o homem, refazê-los, talvez criá-los..."

Marguerite Youcenar, **A obra em negro.**

Este trabalho se refere à dissertação de mestrado, "O Anjo, a Tempestade e a Escola; elementos para a compreensão da relação entre a noção de progresso, o marxismo e a pedagogia progressista", realizada sob a orientação da Prof^a Maria Helena Barcelos Café, e defendida no Mestrado em Educação Escolar Brasileira da Universidade Federal de Goiás, em abril de 1993. A referida dissertação, tendo como objetivo central estudar a noção de progresso, sua presença no texto de Marx e Engels e, por esta via, na Pedagogia Progressista, partiu do pressuposto básico de que os conceitos e teorias são historicamente formulados e, portanto, devem ser analisados, levando-se em consideração o contexto histórico em que surgiram e se desenvolveram. Desta forma, em primeiro lugar, buscou-se definir a noção de progresso, levantar o processo histórico pelo qual a mesma se estruturou e – principalmente com base em Adorno, Horkheimer e Benjamin – fazer uma crítica à noção, que serviu como orientadora dos passos seguintes do trabalho. Em seguida, à luz desta crítica, apresentou-se uma leitura de textos de Marx e Engels, buscando detectar como a referida noção foi absorvida pela teoria marxiana, considerando-se a

* Professor da Universidade Federal do Maranhão.

28 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

época e os condicionantes que marcaram esta mesma teoria. Por fim, após situar historicamente o pensamento pedagógico ocidental e brasileiro, buscou-se fazer uma análise da presença da noção de progresso em textos de Georges Snyders – um dos principais formuladores da Pedagogia Progressista, de cunho marxista – com base no estudo feito dos textos de Marx e da crítica à noção de progresso.

O título da dissertação, e deste trabalho, inspira-se na IX Tese do texto *Teses sobre a Filosofia da História* de Walter Benjamin, que reproduzimos a seguir:

“Há um quadro de Klee intitulado ‘Angelus Novus’. Nele está representado um anjo, que parece afastar-se de algo a que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de ‘nós’ aparece uma série de eventos, ‘ele’ vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Ele bem que gostaria de poder parar, de acordar os mortos e de reconstruir o destruído. Mas uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de Progresso é essa tempestade”¹.

A fé no progresso do homem e do mundo é uma das características fundamentais da sociedade moderna² e das visões de mundo que dela emanam. Está difundida em todas as suas esferas e é justificadora de grande parte de sua estrutura. Praticamente todas as realizações identificadas com a visão de mundo predominante desta época tinham e têm como componente básico a fé no progresso, ou o progresso como pressuposto. O processo de luta econômica, política, ideológica e cultural, que culminou nas revoluções burguesas, encontrou um motivador excelente no conceito de progresso. Os movimentos, que levaram às revoluções socialistas do século XX, também acreditavam ser ele condição indispensável para dar continuidade ao progresso da humanidade. A ciência moderna constituiu-se encontrando nesta noção um de seus ele-

mentos fundamentais. As Ciências Sociais e Culturais, ao emergirem, também utilizaram a noção de progresso como um de seus pilares. Segundo Kenneth Bock:

*"... A idéia de progresso ... tem sido central para a formulação da Sociologia como uma disciplina e continua a modelar profundamente as questões e perspectivas dessa ciência, e de Ciências Sociais e Culturais correlatas"*³.

Um grande número de teorias educacionais foram e continuam sendo elaboradas, utilizando e objetivando o progresso. Conteúdos escolares, nos mais variados tipos de instituições educacionais, vêm sendo definidos, pressupondo a noção de progresso e alimentando a difusão de sua fé. Segundo Snyders, por exemplo,

*"... a escola é também ... a necessidade de uma qualificação capaz de responder ao progresso técnico, à revolução técnica, às constantes modificações técnicas"*⁴.

Estados foram erigidos e governos constituídos tendo como lema o progresso. Inúmeras políticas e programas governamentais têm sido elaborados como o suposto objetivo de levar a sociedade a progredir. Partidos políticos no mundo todo, dos mais diferentes matizes, se apresentam como defensores do progresso humano. Movimentos sociais, desde os que visam defender o *status quo*, até aqueles que buscam transformá-lo, também se amparam nesta noção, encontrando nela um bom justificador. A noção de progresso impõe sua presença, até mesmo, nas atividades mais cotidianas. É bastante comum que escutemos a palavra progresso na rua, em casa, nas escolas, em pronunciamentos políticos, nas igrejas, nos noticiários de rádio ou TV.

No entanto, as grandes majorias do Planeta Terra estão, cada vez mais, condenadas a viver em condição de penúria, miséria e fome, num quadro completamente distinto das promessas de um mundo no qual o progresso seria o símbolo da superação de todos os males. Segundo dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em 1988, cerca de 15% da população mundial era detentora de aproximadamente 77% de toda a renda do mundo, enquanto que cerca de 85% da população possuía apenas 22% da renda⁵. As esperanças embaladas pela fé no progresso se

30 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

tomam ainda mais frágeis com a derrocada do modelo de sociedade socialista, que se tentou implantar no Leste Europeu, e com a constatação de que as mesmas práticas industrialistas e tecnificadoras do capitalismo também lá foram implantadas, sem que se considerasse as necessidades humanas e de preservação do meio. De tal forma que, hoje,

“... a Europa do Leste apresenta problemas ambientais muito graves, bem como a ex-União Soviética (15% do território está em situação de desastre ecológico; este valor é de 13% na Polônia)⁶.

Todo este estado de coisas tem nos instigado e motivado a aprofundar o estudo sobre a questão do progresso. Cada dia que passa, fica mais evidente que já não é mais possível que nos deixemos embalar por uma fé ingênua, segundo a qual os problemas resultantes do progresso encontrarão, nele mesmo, as suas soluções. Pode-se perceber que cientistas de todas as áreas, cujo *metier* foi construído tendo o progresso como um de seus pilares, vêm inquietando-se diante do rumo que a história tem tomado e com as consequências do “progresso da humanidade”, para o qual o impulso da atividade científica moderna foi fundamental. Grupos de ecologistas e pensadores ligados a eles, assustados diante da possibilidade real, acima citada, da hecatombe final, ou diante das constantes e quotidianas destruições parciais do planeta, partem para o ataque à noção predominante de progresso. Antropólogos, que primam pela busca do ponto de vista do “outro”, fornecem munição para esta batalha. Filósofos de várias correntes vêm buscando demonstrar os perigos aos quais a fé cega no progresso pode nos levar. Sociólogos e cientistas políticos, perplexos diante da ação humana que busca no progresso sua mola propulsora, começam a rever suas posições teóricas. Escritores e cineastas de ficção científica, em número crescente, buscam retratar um futuro onde as contradições do mundo atual não estarão resolvidas e, em alguns casos, até agravadas, como é o caso dos livros e filmes já clássicos **Admirável Mundo Novo** e **1984**, ou dos filmes mais recentes *Blade Runner*, *o Caçador de Andróides* e *O Exterminador do Futuro*. Partidos políticos comprometidos com a vida e com a justiça social reparam seus sonhos e seus pressupostos. Movimentos religiosos e místicos têm surgido e se alastrado a partir de toda uma pregação da volta à vida natural e da crítica à forma moderna de viver e conceber o mundo. A reação à noção de progresso e às suas consequências é assumida, cada vez mais, por

aqueles setores com preocupações que poderíamos chamar de humanitárias e atinge mesmo aquelas parcelas da sociedade que, há muito pouco tempo, seriam definidas como “progressistas”.

Desta forma, os acontecimentos deste fim de milênio nos colocam o desafio de resgatar a crítica, que já vem sendo feita a esta noção, e de aprofundá-la. Propusemo-nos, portanto, a conhecer a noção, sua história, as crises por que tem passado, as raízes de algumas críticas que têm sido elaboradas, tanto no campo da formulação teórica, quanto nas lutas quotidianas existentes no interior da sociedade.

Na elaboração da dissertação, a partir de estudos realizados junto à obra de Keneth Bock, Nisbet, Bobbio e dicionários de filosofia, ciências sociais, política e sociologia, chegamos à conclusão de que a noção de progresso, mesmo tendo esporadicamente aparecido em épocas mais remotas, de forma completa ou somente através de alguns de seus elementos, só tomou corpo e generalizou-se no conjunto da sociedade ocidental a partir da longa luta que levou ao fim do feudalismo e à instauração do capitalismo. Isto quer dizer que esta noção tomou corpo com o advento da modernidade, numa dialética, na qual as transformações na sociedade dão consistência à noção e a mesma reforça e impulsiona as transformações sociais. Desta forma, a noção de progresso, estando profundamente vinculada à ascensão da burguesia, torna-se eminentemente burguesa. Trabalhamos, também, com a concepção de que a generalização da noção, por toda a sociedade ocidental e suas ramificações, só atingiu seu ápice no século XIX. Neste século, encontramos, portanto, o seu apogeu.

Para fins deste trabalho, utilizando Robert Nisbet como referencial teórico, obtivemos uma definição de progresso composta das concepções de que: a humanidade se desenvolve lenta, gradual e continuamente, por etapas, sendo cada etapa superior à que a antecede; o passado deve ser valorizado como genitor do presente e é possível a previsão de um futuro inexoravelmente melhor; o avanço do inferior para o superior é uma lei, o que permite inferir que a civilização ocidental é superior às demais; deve ser valorizado positivamente o desenvolvimento econômico e tecnológico, bem como a ciência e a razão ocidental; e, por fim, existe nesta vida um valor que lhe é intrínseco⁷.

Neste trabalho, buscamos detectar, também, quais são as fontes de resistência tanto ao conceito, quanto às práticas sociais, políticas, culturais e econômicas que se utilizam e/ou se baseiam na noção de progresso. Prin-

principalmente as resistências de teóricos e movimentos sociais que, mais recentemente, se dão conta dos rumos que o desenvolvimento e expansão da sociedade moderna têm tomado. Para uma crítica mais consistente à noção de progresso, privilegiamos, como referencial, Walter Benjamin, em sua “Teses sobre Filosofia da História”, e Adorno e Horkheimer, no livro **Dialética do Esclarecimento**, obras elaboradas em meados do século XX.

Outra conclusão da dissertação, portanto, admite que, após a consolidação da noção e de sua generalização no século XIX, somente na primeira metade do século XX é que a noção de progresso enfrentará suas primeiras crises de vulto. Se a reação à noção de progresso e seus efeitos já pode ser detectada no século XIX, é no século XX que ela se consolida. Após a crise situada no período das duas Grandes Guerras, a noção tomou novo alento: por um lado, graças ao advento da “Política de Bem-Estar Social” – implantada na Europa e nos EUA, no período pós-guerras – e à ajuda técnica e econômica aos países pobres – então denominados “em desenvolvimento” – já que os discursos oficiais propugnavam seu avanço rumo à situação vivida no chamado “Primeiro Mundo”; por outro, também se reforça graças ao aparente progresso social e tecnológico do bloco socialista, ao seu avanço no campo das pesquisas espaciais e à sua constante demonstração de força bélica. Esta situação fez com que a reação ao progresso se arrefecesse, podendo ser menosprezada por inúmeras teorias e movimentos sociais. A reação à noção de progresso tomia corpo novamente a partir das crises energéticas da década de 70, quando a questão da esgotabilidade dos recursos naturais se colocava de forma primordial; quando se constata que as promessas de superação da miséria no chamado “Terceiro Mundo” são totalmente falsas; e quando a miséria começa a se espalhar também pelos países ricos, evidenciando os altos índices de concentração das riquezas, peculiares ao capitalismo. Um novo impulso à reação à noção de progresso é representado pela derrocada do Leste Europeu, já no final da década de 80, pois evidencia as falhas da experiência prática de construção de uma sociedade nova, inspirada no marxismo.

Assim, à luz da crítica feita à noção de progresso por Benjamin, Adorno e Horkheimer e também dos processos mais recentes pelos quais o mundo vem passando e das reflexões que ele suscita, buscamos aprofundar a análise de cada um dos elementos da noção de progresso, com o intento de chegarmos a uma crítica geral à noção.

A concepção de que a humanidade se desenvolve por etapas, de forma linear e progressiva, sendo cada etapa superior a que a antecede, corresponde a uma visão de história denominada, por Benjamin, de historicismo, que desconsidera os conflitos que nela ocorreram e condiciona o desenrolar da história a um esquema determinado, ao qual tudo tem que se adequar. Esta perspectiva, quando generalizada para além da sociedade europeia, gera distorções profundas no processo de leitura da história, causando distorções também, na leitura da realidade atual e, conseqüentemente, intervenções inadequadas nesta mesma realidade. Aceitar esta concepção implica, também, em prever que o futuro será inelutavelmente melhor, impedindo que se perceba que as possibilidades são inúmeras e que a atuação dos homens e mulheres concretos, e não dos modelos ideais de homens, é fundamental para os rumos que a história vem tomando.

A aceitação da concepção de que a história vem se desenvolvendo por etapas leva à aceitação de que o avanço do inferior para o superior é uma lei, permitindo a afirmação de que o estágio hoje alcançado pelos países mais ricos do mundo é o máximo até agora possível e que deverá ser atingido, também, por todos os povos; pois este tipo de avanço não é característico da sociedade ocidental ou daquelas sociedades submetidas por ela, mas de "toda" a humanidade. Esta concepção, profundamente etnocêntrica, abole todo o respeito à diferença e exerce um papel fundamental na justificação da dominação que a Europa, através do colonialismo, impôs a praticamente todo o planeta e, mais recentemente, à dominação imposta pelo neocolonialismo dos EUA. Como a fé no progresso é irmã gêmea da fé no industrialismo, progredir é também eliminar as velhas formas de produção e deixar se encantar pelo canto de sereia da nova indústria. Desta forma, se justifica todo o processo de agressão às populações não-ocidentais e à natureza, pois a eliminação aos entraves interpostos ao progresso significa, inclusive, a eliminação física de tudo e de todos que não se adequem ao modelo predominante.

A valorização do desenvolvimento econômico e tecnológico é outro elemento da noção de progresso que deve ser ao menos relativizado. Em primeiro lugar, está eivado também de etnocentrismo, à medida em que o modelo de desenvolvimento pelo qual se pauta é aquele gerado no ocidente, e a tecnologia a ser difundida por todo o mundo é aquela cujas bases e lógica constitutivas estão na Europa pré-moderna. Além

34 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

disso, exige uma lógica de produção necessariamente excludente e depredadora do homem e do ambiente, à medida que o lucro é seu motor mais importante, gerando uma situação que ameaça, mais do que nunca, a sobrevivência do mundo e da espécie humana. Com o grande desenvolvimento da tecnologia de ponta e com o surgimento da robótica, reforça-se a ilusão de que os avanços são irreversíveis e o progresso fatalmente realizar-se-á em todo o mundo. Contudo, uma análise mais cuidadosa do mundo atual mostra que os modelos de desenvolvimento existentes têm se revelado altamente concentradores de benefícios. Somente parcelas pequenas da população mundial usufruem do que tem sido conseguido, às vezes, com enormes sacrifícios de enormes contingentes populacionais e da natureza em geral. Cada vez mais, fica evidente que a associação direta entre progresso e bem estar social não passa de um mito.

Outro elemento da fé no progresso é a valorização da ciência, como se a mesma fosse a única fonte de conhecimento válido. Esta perspectiva, reforçada pelo positivismo, reduz profundamente a capacidade de conhecer no ocidente. A submissão ao dado, ao matematizável, ao classificável criou grandes limites às possibilidades de conhecer o universo e as diversas relações que nele se estabelecem. Além disso, a crença de que o saber científico é superior a qualquer outra forma de conhecer, gerou um enorme menosprezo em relação a estas formas, dificultando o diálogo entre as mesmas e impondo limites consideráveis ao conhecimento de tipo ocidental. A razão ocidental cria uma lógica que suprime todas as características humanas e naturais que não se submetam a ela. Produzir cada vez mais, desqualificando todas as iniciativas que não correspondam a esta perspectiva. Até mesmo a reflexão e o lazer devem fazer parte da lógica produtivista. O pensamento acaba por se embotar, perdendo sua perspectiva crítica, pois não permite aumentar a produção, e o lazer passa a ser administrado, gerando empresas e procedimentos que devem se generalizar.

A crença no valor desta vida é um elemento altamente questionável na noção de progresso, quando posto ao lado dos elementos anteriores e de sua crítica. Não existe demonstração concreta de valorização desta vida a partir da noção de progresso. Se colocamos esta questão a partir da perspectiva da contraposição à metafísica, à busca de explicação deste mundo a partir do extraterrestre, do não físico, podemos perceber

a debilidade desta noção, que joga para o futuro a plena e garantida realização dos sonhos da humanidade. Não é mais o céu, o paraíso, o nirvana ou o mundo das idéias, agora é o progresso. Mais uma vez cai-se em um tipo de metafísica que, no fundo, nega ou minimiza o valor desta vida e o poder de interferência dos homens na construção da sociedade.

Como este estudo da noção de progresso busca ser realizado a partir de uma perspectiva comprometida com a luta por transformações sociais – que primam pela superação da situação atual, de marginalização das grandes maiorias do mundo – e com o estabelecimento de novas relações entre os homens e destes com a natureza, é fundamental que considere as tentativas teóricas e práticas da classe trabalhadora em busca de sua própria emancipação e de toda a humanidade.

Sendo o progresso um conceito básico da modernidade, optamos por aprofundar a sua influência em um corpo teórico intensamente ligado à luta dos trabalhadores, e que se tornou um elemento fundamental da sociedade moderna: a teoria de Marx e Engels. Estudar esta influência torna-se necessário, pois a teoria marxiana, sem sombra de dúvida, constitui o corpo teórico que, no século XIX, levou mais longe a crítica ao capitalismo e as teorias e conceitos que este gerou e/ou consolidou. No entanto, neste fim de milênio, o correr da história e as profundas transformações por que vem passando a sociedade ocidental e o mundo como um todo exigem um retomada crítica das teorias e práticas que têm fundamentado as lutas por transformações sociais. Esta exigência se faz mais forte para aqueles que não se conformam com a comodidade dos modelos teóricos prontos, acabados, porém cada vez menos eficientes na produção de novas relações sociais, mas que, segundo a perspectiva teórica proposta pelo próprio Marx, buscam de forma autônoma ler na dinamicidade da vida os desafios, cada vez mais complexos e diferenciados.

O pressuposto básico deste trabalho é que os conceitos e teorias são constituídos historicamente, dentro da dinâmica contraditória da história. A reflexão e utilização dos mesmos supõe a busca de sua gênese e a superação das conotações próprias de um determinado momento histórico. Toda teoria, portanto, é historicamente situada, devendo, como diriam Adorno e Horkheimer, atribuir

“... à verdade um núcleo temporal, em vez de opô-la ao movimento histórico como algo imutável”.⁹

Buscando, assim, evitar a petrificação dos conceitos e teorias, partimos da hipótese de que Marx e Engels, durante praticamente todo o período em que elaboraram o cerne de sua teoria (como a maioria dos teóricos de seu tempo) não conseguiram romper com a noção vigente de progresso, absorvendo vários de seus elementos. Isso ocorreu, pois as condições concretas para a crítica à noção ainda eram incipientes e, como que ofuscadas pelo brilho das promessas que o acelerado processo de desenvolvimento técnico-industrial colocava no horizonte. Isto pode ser exemplificado através de trecho do Manifesto do Partido Comunista, no qual os autores, ao se referirem à burguesia, afirmam:

“A burguesia, durante seu domínio de Classe, de apenas cem anos, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, as estradas de ferro, o telégrafo elétrico, a exploração de continentes inteiros, a canalização dos rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto – que século anterior teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social?”¹⁰

Fica evidente que as condições concretas em que vivia, possibilitavam que Marx e Engels se deixassem encantar com as promessas do progresso e não conseguissem romper com a visão dominante de que o modo de produção e de organização da vida existente na Europa seria a forma mais avançada, jamais conseguida por toda a humanidade. Este deveria ser, praticamente, o único referencial para a elaboração de propostas de construção de uma nova sociedade.

Trabalhamos, também, com a perspectiva de que a noção de progresso continua presente em várias correntes do marxismo, ainda existentes, e em várias construções teóricas, das mais variadas áreas do saber, que mantêm algum vínculo com o marxismo. Supomos que toda a crise da noção de progresso, no período das duas Grandes Guerras, influenciou muito pouco uma parte significativa dos teóricos marxistas, e que os mesmos só começam a questionar os seus pressupostos teóricos mais recentemente, pois os acontecimentos que marcam este fim de milênio vêm abalando qualquer tipo de dogmatismo.

O anjo, a tempestade e a escola; elementos para a ... • 37

Faz-se necessário ressaltar que se assumimos uma postura crítica em relação a Marx, a Engels e ao marxismo, buscamos fazê-lo com referencial nas lutas dos trabalhadores e dos setores de esquerda, que não se intimidam diante de argumentos dogmáticos, daqueles que mantêm uma relação quase que religiosa frente aos textos clássicos do marxismo, à medida que os tratam como textos sagrados, que não podem ser revistos, pensados e repensados, como se contivessem, neles mesmos, a revelação da verdade final. Não queremos cair no erro que Marx e Engels atribuíram em seu “Manifesto do Partido Comunista”, aos seguidores daqueles que denominaram de socialistas utópicos:

“... se os fundadores destes sistemas eram revolucionários em muitos aspectos, as seitas formadas por seus discípulos são sempre reacionárias, pois se aferram às velhas concepções de seus mestres apesar do ulterior desenvolvimento histórico do proletariado”.¹¹

Assim, não é nossa intenção contribuir para a tendência crescente de desqualificação dos textos de Marx e Engels e muito menos “jogá-los na lata de lixo da história”. Mas temos claro que não só o proletariado, como também a sociedade em geral passaram por inúmeras transformações neste século. E deixar de reconhecer os limites de qualquer teoria concebida no século passado é uma atitude que só pode levar a práticas anacrônicas, inadequadas para a realidade atual, e que não contribuem em nada para o enfrentamento com as posturas conservadoras/reacionárias. O momento atual e os acontecimentos que vêm marcando este fim de século exigem um grande trabalho de busca de compreensão da realidade em que se está inserido, e de busca de alternativas para esta mesma realidade. Isto só poderá ser feito a partir de um esforço que tenha por pressuposto a liberdade de pensamento e a análise crítica dos referenciais que, até recentemente, eram muito pouco questionados. Com este trabalho, buscamos contribuir com esta tarefa, ainda que de forma modesta diante do gigantismo da mesma. Para tanto, tratamos o texto marxiano como um significativa contribuição teórica, historicamente situada e, como tal – por mais genial que tenha sido – influenciada pelos limites da época em que foi concebida e pelos limites que os conhecimentos desta época impunham.

Portanto, buscamos comprovar, em textos marxianos, a presença de elementos da noção de progresso e confirmar a tese de que sua influência se faz presente na teoria marxiana como um todo, demonstrando com esse conceito, basicamente burguês, passa por um processo de rearticulação e consegue penetrar em um corpo teórico oposto àquele, no qual a noção encontrou as condições para difundir-se. Para chegarmos à conclusão que Marx e Engels não conseguiram romper com os elementos fundamentais da noção de progresso, absorvendo-os, lemos os textos marxianos à luz da teoria crítica de Benjamin, Adorno e Horkheimer. Na leitura do texto marxiano, trabalhamos basicamente com **A Ideologia Alemã, Carta de Marx a P. Annenkov, Miséria da Filosofia, Manifesto do Partido Comunista, O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Formações Econômicas Pré-Capitalistas, Contribuição à Crítica da Economia Política, O Capital – Prefácios, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.**

Para se consolidar, a sociedade moderna necessitou de várias instituições e uma das mais importantes é a escola. Com a consolidação dos sistemas nacionais de ensino, foi necessário surgir, também, teorias que embasassem a prática neles desenvolvidas. Mais recentemente, algumas destas teorias buscaram inspiração nos corpos teóricos marxiano e marxista. Já que nos dispusemos a conhecer melhor a noção de progresso e a crítica que a ela vem sendo feita, devemos enfrentar o desafio de tentar também compreender como a noção de progresso é absorvida pelas referidas teorias pedagógicas. As inquietações geradas pelas consequências da concretização do progresso não podem deixar de ser refletidas, também, no âmbito da educação. O não enfrentamento desta questão pode levar à manutenção de construções teóricas e práticas educacionais que não façam uma profunda reflexão à luz de desafios, necessidades e desejos emanados da própria vida e que, portanto, se constituam em teorias e práticas anacrônicas e ineficientes, considerando-se a perspectiva da transformação social.

Seguindo a via do estudo da relação entre teoria marxiana e progresso, chegamos ao estudo da relação entre a teoria pedagógica, que busca sua filiação ao marxismo e se autodenomina progressista, e a noção de progresso. Este percurso se fez necessário a partir da percepção de que, no século XX, junto com as graves crises pelas quais o capitalismo passou, surgiram inúmeras crises na fé no progresso do mundo e da

humanidade. No entanto, muito pouco destas crises atingiu as teorias pedagógicas no geral e, até mesmo neste final de século, quando a noção de progresso sofre sérios golpes, as teorias pedagógicas e, em especial, a autodenominada progressista têm se mantido afastadas desta discussão. Desta forma, visamos fazer, no campo da teoria pedagógica, a discussão de um tema que é basilar também nas construções teóricas deste setor do conhecimento humano e que, na maioria das vezes, tem sido absorvido sem uma crítica mais profunda, não se levando em conta suas conseqüências, tanto para o nível da formulação teórica, quanto para o da prática escolar. Assim, essas teorias absorveram, via marxismo, vários elementos da noção de progresso e, ainda, a influência desta noção é fundamental na construção de práticas escolares nelas inspiradas.

Com o fim de estabelecer a relação entre a noção de progresso e a pedagogia progressista, a dissertação parte de um breve histórico das teorias pedagógicas e de seu processo de constituição, a nível do ocidente como um todo e, posteriormente, seus reflexos no Brasil, e centra-se na obra de Georges Snyders, pois percebe ser ela um marco na recente construção da teoria educacional, além da forte influência que tem exercido na elaboração teórica no Brasil. Através do estudo de três de seus livros – **Pedagogia Progressista, Escola, Classe e Luta de Classes** e **A Alegria na Escola** – demonstramos como o autor busca se vincular ao marxismo e como, por esta via, absorve a noção burguesa de progresso, sem fazer nenhuma crítica mais contundente à mesma, construindo sua teoria educacional a partir dos pressupostos básicos desta noção. Isto pode ser constatado nas seguintes afirmações do autor:

“... todos esses cadáveres de guerra, de fome, de repressão, todo este desumano, este injustificável tem contudo um sentido, justifica-se como etapas em direção a ...”¹² Negar o progresso parcial, é negar a história, não o querer situar no interior de uma evolução histórica ...”¹³ Ser revolucionário é ousar afirmar o progresso; isto é conseguir uma conciliação entre o atroz do mundo e o reconhecimento dos avanços ...”¹⁴

Diante de toda a crítica contemporânea ao progresso; diante das catástrofes a que estamos sujeitos graças à interferência humana no ambiente e às relações de exploração estabelecidas entre os homens e os povos; diante do recente ressurgimento de movimentos racistas e

40 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

nazi-facistas; diante da fome e da miséria que se ampliam a olhos vistos em todo o mundo, podemos nos perguntar seriamente se o caminho revolucionário é a afirmação do progresso que, em sua forma moderna, constituiu-se e generalizou-se em íntima sintonia com a constituição e generalização do sistema capitalista, e que foi um de seus principais justificadores e um dos principais justificadores dos males espalhados por todo o mundo submetido a este sistema.

Aceitar a defesa do progresso de Snyders é aceitar a visão etapista de história, incorporada por grande parte do marxismo; é aceitar a inexorabilidade histórica; é aceitar a concepção segundo a qual o futuro pertence fatalmente ao proletariado e à forma de organização que lhe é atribuída, não admitindo qualquer forma de retrocesso. Aceitar a defesa do progresso de Snyders é sucumbir à positivação do marxismo; é perder a dimensão da dinamicidade do real; é tornar-se refém de um referencial teórico, absolutizando-o; é atribuir um papel secundário à ação humana, diante das leis históricas; é deixar de se preparar para os inúmeros possíveis a que o futuro está aberto. Aceitar a defesa de progresso de Snyders é, enfim, abandonar a vida presente, em função da construção ideal do futuro; abandonar a possibilidade de criar, de gerar o presente e fazendo-o, trazer o futuro para o nosso lado e vivê-lo agora.

Por fim, destacamos a importância que a noção de progresso teve na construção da época moderna e da sociedade dela resultante; reafirmamos a necessidade de conhecê-la, de entender que tipo de influência ela exerce, para, assim, buscar a construção de novas relações entre os homens e destes com a natureza. Afirmamos a necessidade de continuar a repensar os pressupostos fundantes de nossa visão de mundo, para que se possa pensar uma prática social e educacional realmente diferenciada. E fazemos coro a Gabriel Garcia Márquez, quando este afirma que:

Eu sou um otimista empedernido em relação a tudo. Talvez eu quebre a cara, mas acredito firmemente que vamos nos sair muito bem ... É que o ser humano não pode ser tão imbecil como foi no século XX¹⁵

Notas

1. BENJAMIN, Walter. Teses sobre a Filosofia da História. In: _____ **Walter Benjamin: Sociologia**. Organização e Tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. p. 157-159.
2. Para fins deste trabalho, entendemos por sociedade moderna aquela que emerge na Europa e se difunde pelo mundo a partir do processo que levou ao fim do feudalismo e à estruturação e consolidação do capitalismo. Podemos adotar, como marcos definidores da sociedade moderna, as Revoluções Industriais da Inglaterra e a Revolução Francesa de 1789, considerando-se, porém, que na gestação destas revoluções é que se gera a modernidade. Diferentemente da historiografia tradicional, que divide a história por idades e afirma estarmos vivendo a Idade Contemporânea; diferentemente também daqueles que anunciam a pós-modernidade, trabalhamos com os pressupostos de que a época moderna ainda não deu seus últimos suspiros e de que ainda vivemos sob a égide do *modus vivendi* por ela instaurado. Segundo Berman, a modernidade é "... um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje". (BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15).
3. BOCK, Kenneth. Teorias do progresso, desenvolvimento e evolução. In: BOTTOMORE, Tom, NISBET, Robert. **História da análise sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 66.
4. SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. Tradução de Maria Helena Albarran. Lisboa: Moraes, 1977. p. 102.
5. Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA CPT. Solidários a serviço da criação. In: CPT. **Justiça social e preservação do ambiente; desafios da luta pela vida**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 10-11. (Cadernos de estudos da CPT, nº 5).

42 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

6. ROSA, Luiz Pinguelli. Por uma visão realista. **Teoria e Debate**; Revista Trimestral do Partido dos Trabalhadores. São Paulo, nº 17, p. 45. jan./mar. 1992.
7. MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Entrevista a Juan CRUZ. Tradução de Maria Celeste Marcondes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 nov. 1991.
8. Adotamos aqui a diferença entre teoria ou textos marxianos - do próprio Marx, com ou sem a colaboração de Engels - e marxistas - de seus seguidores.
9. ADORNO, Theodor M. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**; fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 9.
10. MARX, Karl e ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 7. ed. São Paulo: Global, 1988. p. 80-81.
11. Id. *ibid.*, p. 106.
12. SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. Tradução de Bertha Halpern Guzovitz, Maria Cristina Caponero. São Paulo, Manole, 1988. p. 171.
13. SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes**. Tradução de Maria Helena Albarran. Lisboa: Moraes, 1977. p. 66.
14. SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. Tradução de Bertha Halpern Guzovitz, Maria Cristina Caponero. São Paulo, Manole, 1988. p. 169.
15. MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Entrevista a Juan CRUZ. Tradução de Maria Celeste Marcondes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 nov. 1991.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. M. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**; fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: Sociologia**. Org. e Trad. Flávio R. Kothe. São Paulo, Ática, 1985. Col. Grandes Cientistas Sociais.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**; a aventura da modernidade. Trad. Carlos F. Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto (Org.). **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira, Carmem Varialle, *et al.* 2. ed. Brasília, Editora da UnB, 1986.
- BOTTOMORE, Tom e NISBET, Robert. **História da análise sociológica**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- CPT. **Justiça social e preservação do ambiente**; desafios da luta pela vida. São Paulo, Loyola, 1992. Cadernos de Estudos da CPT, n. 5.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**; trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Trad. Leandro Konder. 10. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.
- HERCULANO, Selene Carvalho. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: Mirian Goldenberg (Org). **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro, Revan, 1992.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. Entrevista a Juan Cruz. Trad. Maria Celeste Marcondes. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 30 de nov. 1991.
- MARX, Karl e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 1986.
- _____. **Manifesto do partido comunista**. 7. ed. st. São Paulo, Global, 1988.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. Maria Helena Barreiro Alves. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- _____. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Trad. João Maia. 3. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1981.
- _____. **Karl Marx: Sociologia**. Org. Octávio Ianni. Trad. Maria Elisa Mascarenhas. 4. ed. São Paulo, Ática, 1984. Col. Grandes Cientistas Sociais.
- _____. **Miséria da Filosofia**. Trad. Luís M. Santos. Lisboa: Estampa/São Paulo, Mandacaru, 1990.

44 • Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior

_____. **O 18 brumário de Luís Bonaparte.** Trad. Maria Flor Marques Simões. Lisboa, Estampa/São Paulo: Mandacaru, 1990.

_____. **O Capital;** crítica da economia política. Trad. Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo, Abril Cultural, 1983. v I.

NISBET, Robert A. **A história da noção de progresso.** Trad. Leopoldo José Collor Jobin. Brasília, Editora da UnB. 1985.

ROSA, Luiz Pinguelli. Por uma visão realista. **Teoria & Debate;** Revista Trimestral do Partido dos Trabalhadores. São Paulo, n. 177, p. 41-45, I trim. 1992.

SNYDERS, George. **A alegria na escola.** Trad. Bertha Halpem Guzovitz e Maria Cristina Caponero São Paulo, Manole, 1988.

_____. **Escola, classe e luta de classes.** Trad. Maria Helena Albarran. Lisboa, Moraes, 1977.

_____. **Pedagogia progressista.** Trad. Manuel Pereira de Carvalho. Coimbra, Almedina, 1974.